

MAR DE VIRAÇÃO



Mar de viração
LEANDRO DURAZZO



© Editora Moinhos, 2018.

© Leandro Durazzo, 2018.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Luís Otávio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D953m

Durazzo, Leandro

Mar de viração / Leandro Durazzo. - Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.

150 p. : il. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-53-1

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. I. Título.

2018-1510

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301

2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

SUMÁRIO

7
O NAUFRÁGIO DO AQUERONTE

46
TERRA HÚMYDA

103
SANTOS'AGRADOS



O NAUFRÁGIO DO AQUERONTE

I

A última memória de terra tinha sido na franja do mar. Memória de areia. Margarida soluçava o vai e vem das ondas, olhando no rasiño os siris que se escondiam. E surgiam. E corriam pra se esconder de novo. Que nem ela. Que nem seus pais. Que nem.

Longe, alcançável de rabo de olho, a menina via o cais para onde devia voltar. Uma aglomeração, gritos, sussurros, abraços e despedidas e apertos de mão. As pedras cheias de limo cochichavam sobre o passar das horas, dos dias, das vagas, das chuvas, das aves que no verão migravam. O tumulto dos que embarcavam se dava exatamente sobre elas, pedras, sobre ele, tempo, nessa exata medida do que passava.

Margarida molhava os pés na beira d'água sentada no último degrauzinho de uma escada. Enferrujada, também, escorregadia – Toma cuidado, menina! –, verdeneira com o passar das eras e o carcomer da vida.

Um apito. Dois apitos. Alvorço na beira do cais, despedidas encerradas e os passos subindo ao convés. E Margarida?, mas a mãe bem sabia da resposta. Margarida está lá fora. Ainda.

Margarida nunca vem? Margarida?

Margarida nunca que jamais que é ouvida. O pai ralha e acena, a pequena pula degrau a degrau e volta pra trás, deixa o mar e os siris e as ondas e o limo. Deixa o tempo, o passado, deixa o acúmulo de possibilidades para o lado. Sua mente de fazdeconta descansa e vai embora, enquanto a menina corre para o cais. Subir na plataforma, chegar no convés, tentar não torcer os pés enquanto saltita nas pedras soltas do molhe em que hoje chove.

Três apitos, amarras afrouxadas. Sobe o pano. O navio, como o ano, zarpa em sua mais urgente apresentação.

II

Vou sair desse calor. Graça enfim. O ticket dizia claro: rumo a um país desabitado. Não havia verão que suplantasse a maravilha do deslumbramento, era o que achava a rapariga de saia balão e cabelo ao vento, pés no convés, partida, aceno com lenço branco e tristeza fingida. Vou sair desse calor, pai amado, reconstruir o meu reinado para além do Ártico. Graça enfim.

Um pequeno serviçal procedia aos procedimentos primeiros de segurança, apontava a brigada de incêndio, as luzes de emergência, os botes salva-vidas e as marretas de quebre o vidro em caso de necessidade. Distribuía, um por um, os prospectos da performance, confundia o olhar das gentes com seu rosto de endiabrado. Acenava. Ria. Seguia embora.

Lá fora, no alto mar da imensidão, o céu ameaçava clarear. No descampado do peito da rapariga, como que fosse todo o ar quente erguendo sua saia balão, escurecência que fazia comoção de todos os passageiros, tripulação, do comandante. Tristeza fingida esquenta por dentro e fora, mil megatoneladas de carvão vegetal queimando, mil chispas de acender pavio, mil fontes de água já ressecadas e novecentos despreparos no que diz respeito a naufragar.

Naufragar nunca está completo.

Um primeiro passageiro ouve o piano, nota soando do salão principal. Um segundo passageiro também, uma terceira. E a quarta. Antes da primeira sonata chegar ao fim, quase que todo mundo já soube chegar ao salão. Ao banquete de inauguração. De boas-vindas. Quase que todo mundo, menos a rapariga e mais meia dúzia ou três. Que seguiam olhando o mar, a costa que ficava ao longe, o braço de mar que espichava num abraço profundo e eterno, pa-recido constelação.

Na primeira meia hora de noite, ouviram-se estrelas borbulhando no mar, incandescendo a segunda alvorada. Sob as águas, luminosas, vidas e peixes e bichos e compridas correntes de não se sabe o quê. Brilhando furiosos, amanhecendo as profundezas. Dentro do salão, a terceira ou quarta sonata já estava acesa, e dançava.

A rapariga ficaria no convés por mais um pouco, o balão de sua saia fazendo coro à maré que voava. À lenta maré que voava, carregando consigo um barco inteiro, mil vidas, mil vidas ou mais, na jornada.

III

Convalescia. Duvidava sinceramente da existência de bons doutores naquela terra gelada. Pra onde o barco corria. Pelo andar da carruagem, convalesceria todo sozinho e ia bem ser assim que a doença faria: uma hora, cansada, diria adeus e mais nada. E tchau.

Mas não duvidava, é fato, de que a longa viagem faria mais bem do que mal. Fodido, meu pai, fodido e meio. Era o que o ditado dizia e tinha tido provas absolutas de que acertava em cheio. Fodido, fodido e meio.

Pagara a mais pelo privilégio de gemer de dor sem ninguém ao lado, cabine inteira pro seu fado e pra música incessante que fazia a vitrola soar. Bach. Verdi. Rachmaninoff. Gostava muitíssimo desse nome, Rachmaninoff. Rachmaninoy, às vezes, com V de vodca, vozes, vida, velhice, volta. V de vencido.

Pensava que esse nome dava quase uma toccata. Rachmaninoff. Virtuose, era o que era. Nos primeiros dias nem sequer tocou. Passou de olhos fechados, mãos no peito, cama, deitado a sonhar com o som. Rachma. Ni. Como se fosse um mantra, um pedaço da orquestra das esferas. A canção do universo. Noff.

Podia ouvir as ondas rebentando contra o casco, entre uma nota de piano imaginário e o flautim marcando a dança. Deitado, que nem criança escutando o sim do universo inteiro, do cosmos, da criação, passava os dias primeiro comendo e bebendo som. Fechado em si, convalescendo, aberto só aquilo que não tinha jeito. Não tinha pálpebra. Mesmo as palmas iam fechadas, as solas, o longo cabelo branco já gasto e velho. Nariz e os ouvidos, não. Esses eram proa da embarcação de seu próprio corpo, iam à frente, esculpidos em sereia gárgula florete símbolo mágico esquecido carranca mosquito. Um mosquito no mar. Rasgando as vagas, zunindo, zunindo, soando. Uma praga alastrada no princípio do mundo.

No princípio do mundo que se renovava. E o espírito de deus pairava sobre as águas.

IV

O vento começava a esfriar, lento e lentamente, gotas de chuva virando granizo e neve e neve e mais neve. E dia limpo. E sol a pino e frio, e o barco indo. Debruçado sobre a amurada, nariz alinhado à proa do viajante, o salvador do mundo seguia quieto, sereno e andando por sobre as ondas. Parado. No parapeito do navio gelado, quase sozinho pelo convés, ia debruçado na amurada e olhando os peixes, o horizonte, as poucas nuvens que ainda passavam. O salvador do mundo não sorria, não falava, não estava bravo nem preocupado, nada. Debruçado sobre a amurada, com o peito de ancoradouro, ia. E o navio seguia sua própria estrada.

Pensava É pra esse diabo de gente que eu faço tudo?, Que eu salvo o mundo?, É pra que continuem assim, iguaizinhos sem tirar nem pôr sem ouvir sem mover um músculo. Um mamilo? É pra isso?, Esse bando de moralista tudo, esses fãs de um mundo caduco com lugar marcado? É pra isso que eu salvo o mundo?

Calado, admirava o passar das águas, o correr dos cardumes infinitos sob o mar já quase congelado. Calado, cansado, tendo nas costas nos ombros no passado um par de vitórias, uma porção de destinos desgarrados, uma sacola de memórias bem guardadas. Observava o deslizar do barco, a água se abrindo tal qual coração por sob a proa. Ouvia a quilha rasgando os mares, quebrando o gelo e salvando a derivação. O balouçar jogado, o perigo, a inclinação do barco e da eternidade.

Nos cinco níveis da embarcação, agora, pessoas dançavam e riam. Comiam da mesa farta, bebiam do vinho cheio e ignoravam completamente o que ele, ali parado, fazia. Fazia nada. Olhava o mar distante e respirava. Olhava o mar de perto e respirava. Ouvia, com nitidez, pedaços de conversa vindo a ele, ao convés. Casamentos, arranjos de casamentos, mentiras, intrigas, sociedades sendo desfeitas, uma chantagem falada bem no contrapé da valsa. Ouvia, enquanto seus olhos olhavam as vagas.

Que a gente vem ao mundo e não sabe por que vive, ele pensava, Que a gente vem ao mundo e não sabe por que nele continua. E que vem ao mundo, a gente, e nem escuta o rumor de fundo, a casa de máquinas, o bater de espadas, Que a gente vem ao mundo

e não sabe por que nele continua, E não sabe por que nele insiste, E não sabe por que nele luta. A gente não sabe por que salva o mundo, e o mundo salvo não se importa, Não gasta nisso mais que um segundo, meio pensamento, o mundo salvo. O mundo salvo é o mesmo mundo ingrato que quase se foi, quase soterrado, O mundo salvo é um ignaro.

V

Poder não podia, mas Margarida entrou naquela cabine de qualquer jeito. Atabalhoada, tropeçando nos próprios pés e fugindo da noite lá fora. No meio do passadiço houve o estrondo, trovão tempestade e uivo do vigia. Gritaram Segurem-se!, Lá vem tempestade!, e Margarida meteu a mão na maçaneta. Estava longe da própria cabine, dos pais, graças a deus estava longe demais e correu se esconder onde pôde. Poder não podia, mas entrou numa ampla sala em que, bem sozinho, um homem convalescia ouvindo música clássica.

– Senhor?

Uma suíte rodava lenta no gramofone, passos cadenciados de tenentes, cabos, soldados, marcha militar enclausurada naquele quarto de dormir. Margarida sentia frio e um pouco de alegria, medo pouco, ouvia a agulha rasgando o vinil. Encantada, a suíte revezava ocupar o tempo com os raios e trovões, com o encher do céu vazio de estrelas, com os cometas se chocando, constelações. Margarida ainda na porta, as costas na porta, aflita e envolvida pelo som.

– Com licença, senhor?

Um dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato, cinco seis... Margarida ia caraminhando uma marcha dela mesma, uma de pequena, uma de menina. Acompanhava, com a mente atarefada pela cantiga, os trovões lá de fora da amurada e a suíte arranhada que ouvia.

– Senhor!

Abriu os olhos. Parecia só se dar conta do mundo agora. Só agora, olhos abrindo lentos e brancos, fundos, fitando primeiro o teto. A mão direita leve sobre a almofada, o dedo indicador dançando o balé das notas, acompanhando a orquestra imaginada. Olhou Margarida.

– Sim?

– É que... oi... eu... desculpa, senhor.
– Desculpa?
– Sim, senhor. Desculpa! Desculpa, assim, ter entrado aqui sem nem bater, pedir licença, desculpa senhor!
– Onde estão seus pais, minha menina?
– Lá em cima, na cabine. Eu acho...
– E você? Por onde andava?
– Na paliçada.
– Paliçada, Margarida?
– Sim! Quer dizer, não! Não, perdão, paliçada não, era só uma amurada do navio, mas eu brincava de castelo.
– Um castelo singrando o mar?
A menina, envergonhada, corou com as mãos no bolso, queixo baixo, olhando por sobre o ombro a escotilha que dava lá fora. Tempestade desabando. Tempestade desabada.
– Perdão, senhor. Chove muito, lá fora, o navio vai balançando e gritaram que todo mundo se protegesse. Espero não ter incomodado, senhor. Espero não estar incomodando. Eu... eu posso ficar aqui, enquanto chovo?

O homem se ajeitou sobre o colchão, endireitou a coluna um pouco e apontou uma poltrona a Margarida. Ao lado da poltrona, entre três bonecas e um trenzinho de madeira, uma mesinha segurava o livro mais cobiçado durante todo aquele verão. A menina mergulhou no assento e agarrou as páginas, parando apenas na terceira para perguntar:

– Senhor. Eu... eu posso ler esse livro? Posso ficar aqui, lendo esse livro? Não lhe vou incomodar?

– Fique tranquila, minha menina, fique tranquila e leia. Não há nada com o que se preocupar, podes muito bem ficar aqui. Que me faça companhia. É mais fácil matar um homem do que o tédio.

VI

– Ora, por favor. Primeiro a senhora... ahn... senhorita?

Ela sorriu delicada e pôs uma das mãos na balaustrada que descia do convés. Nenhum dos dois pisou os pés no primeiro degrau da escada, de todo modo.

– Senhorita, sim.

– Oh, que maravilha! Senhorita. Por favor, primeiro a senhorita.

E sorriu. Ela descia as escadas levantando a barra da saia, cuidadosa para que ninguém nela pisasse. Ele, atrás, cuidava para não pisar, para não ser o pé do desastre, não marcar o cetim vermelho do vestido.

No último degrau, tropecaram. Ela segurou no primeiro garçom que passava e ele, rápido rasteiro, pulou os três degraus que o separavam do chão e dela. A bandeja tremeu, balançou, os olhos do garçom acompanhando a patinada das taças de vinho entre os guardanapos. Ele, recém aterrissado, segurou bandeja, garçom e tudo, segurou inclusive o braço da rapariga que desequilibrava. Segurou o mundo que caía de maduro.

– Mil perdões, meus senhores, mil perdões. A dama está bem? Não se feriu na queda?

– Oh!, não, não. Estou bem, tudo bem. Estou.

Ele, que observava o garçom se afastar, avaliou a mulher de cima a baixo. Nenhum machucado, pensou, Nenhuma torção de calcanhar, tornozelo, nenhum amassado na roupa, nada! Essa rapariga é uma dama e tanto.

– Então és um domador de catástrofes, o senhor?

– Faço o que posso no tempo hábil que me dão as circunstâncias.

– Belíssimo fraseado. Um homem instruído, ainda por cima?

– E por baixo.

Sorriram.

– Um homem chulo, também.

– Também, com a graça do bom deus.

– Crês?

– Só quando o vejo.

– Ora.

Ele sorriu. Ela, intrigada, buscou da servente mais próxima um copo de gim.

– Obrigada.

– Simpática com as criadas! Eis aí algo que não vemos todos os dias.

– Eu que o diga.

O salvador do mundo observava atentamente aquela rapariga, suas marcas de expressão e a tensão nos ombros, o copo de gim e o corpo, o futuro desejado e o passado.

– Que vais fazer no destino deste barco, senhorita?

– Uma vida.

VII

– Como assim, salvador do mundo?

– É. Salvador do mundo. Não que eu tenha muita escolha, pra ser sincero. É só algo que eu... faço.

– Sei.

Era a noite dezesseis, pensava Margarida enquanto cruzava os corredores do cruzeiro, na mão o livro que o homem velho deixara que levasse. Mas traga depois, sem nenhum amassadinho, hein?, dissera ele. Claro!, respondeu a menina, e claro que levaria. O interesse era pelas palavras, pela história, pela dança caraminholas pelas letras entrando e saindo do ouvido, pelo respirar do texto destacado do esquecido. Margarida não queria o livro. Queria saber o que andava escondido ali por dentro.

A rapariga sentada à mesa conversava com o salvador. Via Margarida passar uma, duas, três vezes. Quatro. De um lado pro outro, livro embaixo do braço, cabelos claros cheios de cachos e flor e vida.

– Menina. Eil, menina.

Sorriram, olhando uma à outra.

– Oi.

– Vem aqui, menina. Qual seu nome?

– Margarida. E o seu?

– O senhor aceita mais um uísque, senhor?

O salvador do mundo falou Aceito e logo estava com o copo cheio.

– Diga, menina, que livro é esse que traz aí?

Margarida olhou o homem sentado de costas ao mar, olhou o garçom que ia embora e olhou de novo a rapariga que sorria, retocando a maquiagem.

– É um livro de milagres, senhor.

– Um livro de milagres?

– Um livro de milagres.

Ao que a rapariga perguntou E onde foi que, por acaso, arranjaste um livro de milagres, pequenina?

– Lá dentro da cabina.

O salvador do mundo se ergueu da mesa, copo de uísque em punho, meneio de cabeça, Com licença, saiu educadamente e rumou para o quarto andar. A rapariga apontou a cadeira agora vaga, Sente aqui, Margarida, e foi o que a menina fez. Algo para beber?, Onde estão seus pais?, Quem mesmo lhe emprestou o livro?, Que histórias o livro traz?

– Um suco de laranja, por favor! Lá em cima. Foi um homem. As histórias de milagre e maravilha.

– Vejamos.

Pegou o livro das mãos da menina e, com as unhas tingidas de vermelho vivo, fogo, saliva e final do mundo, abriu ao acaso.

– A história do lagarto suicida. Interessante.

– Não li essa, ainda! Leia, senhorita, leia!

O suco de laranja pela metade ouvia o fim da história.

– E então, sobre a carapaça do grande quadrante, do monstro que ergue os dias, subiu Magriá, o lagarto suicida. Subiu e observou toda a existência passando e passada e futura que ia embaixo, no chão das horas, no poço sem fundo da eternidade. Magriá, sangue frio, se atirou.

VIII

O pequeno peixe nadava desesperado, de um lado ao outro do copo, circunscrevendo voltas, olhando suas próprias costas e quase engolindo o rabo. Bóris, o peixe dourado que a menina trouxera ao navio envolto num saco cristalino como o Rubicão em maio, nadava na eternidade de sua água. Era parar com as nadadeiras e tocar o fundo. O ouro de Bóris não parava, assim, um segundo sequer, e se contorcia dentro d'água, no copo, todo um mundo.

Era madrugada e dormiam muitos, muitos jogavam, alguns ainda dançavam e certamente haveria os bebuns. E os salafrários. Os pais de Margarida dormiam na mesma cama, o mais distantes de um do outro, a filha dormindo de olho aberto outro fechado na cama ao lado.

O vestido vermelho da rapariga dependurava seu brilho ao biombo. Dentro de sua cabine, um camarim, caixas de chapéu e malas